

Filosofia e a verdade

Francisco Antonio Garcia

Rua Coronel Camisão, 171, Zona 05, 87.015-350. Maringá, Paraná, Brasil. e-mail: fagarcia@uem.br

RESUMO. Uma das principais características que distingue o ser humano das outras espécies animais é a sua capacidade de pensar, de refletir e de criar coisas novas a partir de experiências passadas. Neste artigo, procuramos, de uma maneira simplificada, mostrar o que é a palavra filosofia, qual a sua finalidade e preocupação, destacando, de uma forma geral, sua importância para a sociedade. Sendo assim, não poderíamos deixar de analisar a busca da verdade, pois esta constitui um dos problemas fundamentais da Filosofia que precisa ser desvendado pelos filósofos de acordo com o período vivido por eles.

Palavras-chave: filosofia, verdade, sociedade.

ABSTRACT. Philosophy and truth. One of the main characteristics that distinguish the human being from the other animal species is his capacity for thinking, contemplating and creating new things by starting from past experiences. In this article it was intended to show in a simplified way the word philosophy: its purpose and concern, highlighting its importance for society. The search for truth must also be analyzed because it constitutes one of the fundamental problems of Philosophy that needs to be unveiled by the philosophers according to their life context.

Key words: Philosophy, truth, society.

A palavra filosofia procede da língua grega e equivale a amor pela sabedoria, que quer dizer desejo de saber, de conhecimento. Podemos afirmar que é uma tentativa do espírito humano para chegar a uma concepção do universo por meio da auto-reflexão sobre as suas funções de valor teórico e prático. A sabedoria, para os primeiros sábios gregos, compreendia não só o que hoje denominamos ciência, isto é, a explicação da coisas pelas suas causas reais e naturais, como também sabedoria propriamente dita, ou seja, o amor pela verdade, a prática da virtude e a prudência na conduta. A Filosofia tinha, então, por finalidade, conhecer os primeiros princípios da realidade, o substrato último das coisas, a origem, a essência, o valor e o sentido do universo e da vida, bem como a conduta virtuosa. A busca da verdade sempre constituiu um dos problemas fundamentais da Filosofia; sem essa busca ela não existiria. Sua preocupação primeira tem sido, em todos os tempos, situar a vida humana sob o aspecto da verdade. A Filosofia designa Sócrates como o criador da filosofia ocidental.

Para que um pensamento seja considerado filosófico, são necessárias algumas exigências e características, como:

- a) radicalidade: ir à raiz, aos fundamentos, à essência do problema, do assunto, ou seja, é preciso que se opere uma reflexão em profundidade;
- b) universalidade: perspectiva do todo, totalidade, ou seja, “O que é bom para mim deve ser bom para todos”;
- c) sistematicidade: deve ser metódico, ordenado, dessa forma, há uma necessidade de organização;
- d) metacognição: fazer filosofia através de uma filosofia já conhecida;
- e) criticidade: capacidade de questionamento, de avaliar, etc.

No que se refere as exigências do pensamento filosófico, podemos citar:

- a) análise: decompor o texto da idéia geral em partes, para, assim, reconstruí-lo posteriormente;
- b) raciocínio: é preciso obedecer a certas normas, existe uma necessidade de coerência;
- c) argumentação: idéias secundárias que devem ser usadas a favor do texto;
- d) crítica: questionamento do texto.

Dessa forma, podemos verificar que nem tudo o que se escreve pode ser considerado pensamento filosófico.

Origem e concepções de verdade

Como mencionado anteriormente, a busca da verdade sempre constituiu um dos problemas fundamentais da Filosofia, porém o que significa a verdade para a Filosofia? Inicialmente, destacamos a existência de três concepções diferentes, advindas das línguas grega, latina e hebraica.

Em grego, verdade tem o significado de *aletheia*, o mesmo que não-oculto, não-escondido; dessa forma, é aquilo que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito.

Em latim, verdade se diz *veritas*, que se refere à precisão, ou seja, relaciona-se ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz, com detalhes, com pormenores e com fidelidade, o ocorrido.

Em hebraico, verdade se diz *emunah*, e significa confiança, a verdade é uma crença com raiz na esperança e na confiança, relacionadas ao futuro, ao que será ou ao que virá. Sua forma mais elevada é a revelação divina e sua expressão mais perfeita é a profecia.

Existem diferentes concepções filosóficas sobre a natureza do conhecimento verdadeiro, dependendo de qual das três idéias originais da verdade predomine no pensamento de um ou de alguns filósofos.

Dessa forma, quando predomina a *aletheia*, considera-se que a verdade está na evidência, isto é, a visão intelectual e racional da realidade tal como é em si mesma, alcançada pelas operações de nossa razão ou de nosso intelecto.

Quando há o predomínio do latim *veritas*, considera-se que a verdade depende do rigor e da precisão.

Quando predomina a *emunah*, considera-se que a verdade depende de um acordo ou de um pacto de confiança entre os pesquisadores, que definem um conjunto de convenções universais sobre o conhecimento verdadeiro, que deve ser respeitado por todos.

Segundo Chauí (1998), se analisarmos as diferentes concepções da verdade, verificaremos que algumas exigências fundamentais são conservadas em todas elas e constituem o campo da busca do verdadeiro:

1. compreender as causas da diferença entre o parecer e o ser das coisas ou dos erros;
2. compreender as causas da existência e das formas de existência dos seres;

3. compreender os princípios necessários e universais do conhecimento racional;
4. compreender as causas e os princípios da transformação dos próprios conhecimentos;
5. separar preconceitos e hábitos do senso comum e a atitude crítica do conhecimento;
6. explicitar, com todos os detalhes, os procedimentos empregados para o conhecimento e os critérios de sua utilização;
7. liberdade de pensamento para investigar o sentido ou a significação da realidade que nos circunda e da qual fazemos parte;
8. comunicabilidade, isto é, os critérios, os princípios, os procedimentos, os percursos realizados e os resultados obtidos devem poder ser conhecidos e compreendidos por todos os seres racionais;
9. transmissibilidade, isto é, critérios, princípios, procedimentos, percursos e resultados do conhecimento devem ser ensinados e discutidos em público;
10. veracidade, isto é, o conhecimento não pode ser ideologia, não pode ser máscara e véu para dissimular e ocultar a realidade, servindo aos interesses da exploração e da dominação entre os homens. Assim como a verdade exige a liberdade de pensamento para o conhecimento, também exige que seus frutos propiciem a liberdade e a emancipação de todos (Chauí, 1998: 107).

O critério de verdade

Segundo Hessen (1980), não é suficiente que nossos juízos sejam verdadeiros, precisamos da certeza de que o são. Nesse aspecto, como distinguimos um juízo verdadeiro de um falso? Assim, entra a questão do critério de verdade.

Para Hessen (1980), a ausência de contradição é com efeito, um critério de verdade, porém, não é um critério geral válido para todo o conhecimento, mas sim um critério válido somente para uma classe determinada de conhecimento, que ele define como a esfera das ciências formais ou ideais. Mas esse critério fracassa quando não se trata de objetos ideais, mas sim de objetos reais e da consciência.

Verifica-se, assim, a necessidade de procurar outros critérios de verdade. Hessen (op. cit), propõe que nos detenhamos, antes de tudo, nos dados da consciência. Exemplificando: possuímos uma certeza imediata do preto que vemos ou da dor que sentimos, isto consiste na presença ou realidade imediata de um objeto. Dessa maneira, são verdadeiros todos os juízos que assentam em uma presença ou realidade imediata do objeto pensado.

Fala-se também da evidência; cabe perguntar se o critério da evidência imediata é válido, não só para os conteúdos da percepção, mas também para os conteúdos do pensamento. Essa questão equivale à de se além da evidência do pensamento conceptual, podemos ver nela um critério de verdade.

Muitos filósofos respondem positivamente a essa questão, sustentando que a evidência é um critério de verdade na esfera teórica. A evidência não é, para eles, algo emocional, irracional, mas sim intelectual, racional. Essa evidência apresenta-se como lógica ou objetiva, em contraste com a evidência psicológica; todavia, essa distinção não conduz ao fim que se pretende, pois os filósofos que a fazem não podem distinguir, dentro da evidência verdadeira e falsa, real e aparente, autêntica e apócrifa, ou seja, fato sem autenticidade. Mas isto é abandonar a evidência como próprio e último critério da verdade, pois agora necessitamos de outro critério que nos diga quando e onde se trata de uma evidência verdadeira e autêntica e quando se trata de uma evidência meramente aparente e apócrifa.

No livro “O Problema da Verdade” de Jacob Bazarian (1994), são analisados cinco critérios da verdade:

1. O critério da autoridade: historicamente, é o mais antigo e, psicologicamente, é o primeiro critério de verdade. Na Antigüidade e nas sociedades primitivas, a opinião da autoridade mantinha um papel importante e decisivo na opinião das pessoas. Na Idade Média, quando a ideologia dominante era a religião, o critério da verdade estava na Bíblia. Embora o princípio da autoridade esteja hoje abalado, ele continua funcionando bem na religião, pois esta é baseada em dogmas enunciados pelas autoridades religiosas que devem ser aceitos pela fé, sem discussão. Dessa forma, os adeptos de qualquer religião ou doutrina filosófica dogmatizada, consideram a opinião dos fundadores e dos mestres como critério supremo da verdade.
2. O critério da evidência: este critério é o mais conhecido, divulgado e aceito, de Aristóteles aos nossos dias. Afirma que o único e último critério da verdade é a evidência. A palavra evidência deriva de ver, ato de visão direta e imediata, obtida pela intuição da evidência. Por exemplo: “o todo é maior que sua parte”, “duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si”- são verdades evidentes que captamos direta e imediatamente pela intuição de evidência. Dessa forma, a evidência seria universal. Vale lembrar que
3. O critério da ausência da contradição: para o positivismo lógico, a verdade significa a concordância ou a coerência do pensamento consigo mesmo. Essa concordância pode ser conhecida na ausência da contradição entre os juízos ou enunciados. Por exemplo: “Todos os homens são mortais” (premissa maior). “Ora, Sócrates é homem” (premissa maior). “Logo, Sócrates é mortal” (conclusão). Nesse raciocínio, não há contradição entre os juízos, o pensamento é coerente consigo mesmo, logo é verdadeiro.
4. Critério da utilidade: quem sistematizou e mais propagou esse critério foi o pragmatismo, doutrina filosófica dominante nos Estados Unidos e difundida na Inglaterra e em outros países. De acordo com essa doutrina, o único critério da verdade de um juízo é a sua utilidade prática, o sucesso, o êxito, a vantagem, o lucro. Assim, sob sua forma mais grosseira, a verdade é identificada com o êxito, com o útil, com o vantajoso, com o lucro etc. As coisas não são verdadeiras em si, mas chegam a ser verdadeiras de acordo com sua utilidade. A idéia verdadeira é aquela que é a mais eficaz, que rende mais, que paga mais e assim por diante. Neste aspecto, o critério racional científico da verdade é substituído pelo critério ético-utilitário, o juízo de realidade pelo juízo de valor (opinião e interesse pessoal), a teoria do conhecimento pela teoria dos valores.
5. O critério da prova: é incrível que, no problema mais importante da teoria do conhecimento, que é o critério da verdade, nestes 2.500 anos de pensamento filosófico, nenhum filósofo, seja da linha idealista ou da materialista, tenha encontrado um critério científico da verdade, válido universalmente. Apesar de utilizarmos, em maior ou menor grau, todos os critérios da verdade até aqui apresentados, vimos que eles são insuficientes para nos dar a certeza de que uma proposição é verdadeira ou errada. Sendo assim, onde encontrar um critério eficiente da verdade? Um critério que não dependa nem da autoridade, nem da evidência, nem da utilidade tampouco do interesse ou da opinião das pessoas? O critério supremo, real e objetivo da verdade é a prova. De todos os critérios, o mais eficiente e cientificamente válido é o critério da prova. Todo indivíduo

tem o direito de duvidar da verdade até o momento em que ela for provada, verificada, demonstrada, explicada, fundamentada. Uma vez provada, uma vez que haja suficientes fundamentos comprovando a verdade, duvidar dela já não é possível. A prova é um raciocínio ou uma apresentação de fatos pela qual se constata ou se estabelece a verdade de uma proposição. Toda tese cientificamente provada, portanto, é, sem dúvida, verdadeira. Tanto na ciência como no cotidiano, nada deve ser aceito na base da crença e da fé, mas é necessário provar, demonstrar, fundamentar tudo o que se diz.

Filosofia e história

Para compreender adequadamente a trama da História, precisamos da Filosofia. A História como ciência não se satisfaz em compreender como se passaram as coisas; ela quer saber por que se passaram de tal maneira e não de outra e, para isso, precisa da Filosofia.

Em cada época histórica, existem diferentes escolas filosóficas. As de um determinado período da História têm sempre algo em comum, que nos permite encará-las como diferentes espécies de um mesmo gênero.

Se, para compreender os fatos históricos, precisamos ter presentes diferentes formas de pensar de cada época, precisamos conhecer os aspectos de ordem econômica, política e social de cada época, pois esses são fundamentais para podermos entender as diferentes maneiras de pensar. Assim, a Filosofia e a História se relacionam intimamente.

Com o estudo da História da Educação, podemos compreender os valores que orientaram os educadores de cada época. A Filosofia, por sua vez, tem a missão de refletir sobre esses valores com o objetivo de confrontá-los com os valores atuais da educação. Desse modo, a tarefa da Filosofia consistirá na busca de novas alternativas e na fixação de novos critérios de valor.

Ética

Ética tem a ver com obrigação moral, responsabilidade e justiça social. A palavra vem do grego *ethikos* (*ethos* significa hábito ou costume). Na acepção empregada por Aristóteles, o termo reflete a natureza ou o caráter do indivíduo. Hoje, também designa a natureza das empresas, uma vez que essas são formadas por um conjunto de indivíduos. A ética pode ser definida de várias maneiras. Afirma-se que ética é justiça. Em outras palavras, inclui princípios

que todas as pessoas racionais escolheriam para reger o comportamento social, sabendo que estes podem ser aplicados também a si mesmas. Por meio do estudo da ética, verifica-se que as pessoas são dirigidas pelo que for moralmente certo ou errado. Entretanto, o assunto continua controverso. Afinal, aquilo que é eticamente correto para uma pessoa pode ser incorreto para outra.

Por essa razão, a sociedade tende a definir ética em termos de comportamento. Por exemplo, uma pessoa é considerada ética quando seu comportamento está de acordo com sólidos princípios morais baseados em ideais como equidade, justiça e confiança. Esses princípios regem o comportamento de indivíduos e de organizações e podem-se fundamentar em valores, cultura, religião e, até mesmo em legislações, por vezes mutáveis.

A ética é um elemento essencial do sucesso de indivíduos e de organizações. Por exemplo, nossa sociedade valoriza a liberdade pessoal. No entanto, se comprometermos nossa ética no exercício dessa liberdade, a sociedade será prejudicada. Isso significa que acabaremos por limitar nossa liberdade individual e o gozo da liberdade por outras pessoas. A ética, portanto, constitui o alicerce do tipo de pessoa que somos e do tipo de organização que representamos. A reputação de uma empresa é um fator primário nas relações comerciais, formais ou informais, quer estas digam respeito à publicidade, ao desenvolvimento de produtos ou a questões ligadas aos recursos humanos. Nas atuais economias nacionais e globais, as práticas empresariais dos administradores afetam a imagem da empresa para a qual trabalham. Assim, se a empresa quiser competir com sucesso nos mercados nacional e internacional, será importante manter uma sólida reputação de comportamento ético. Resumindo, um bom código de ética é um bom negócio. As boas práticas empresariais resultam de decisões morais ou éticas. A ética corporativa reflete não apenas o teor das decisões morais – “o que devo fazer?” – como também o processo para a tomada de decisões ou o “como devo fazer”. Porém, fica evidente a ausência da ética nos modelos socioeconômicos e políticos, ocorrendo a manipulação do comportamento dos indivíduos por um pequeno grupo que diz ser o portador da verdade e dos interesses coletivos.

Considerações finais

A história do pensamento humano é uma constante busca da verdade. Cada pensador tem seu lugar próprio no mundo, sua própria situação histórica, que é dele e de nenhum outro. Por isso, cada um tem, em certa medida, uma visão

parcialmente própria da verdade. Isso não significa que a verdade de um absolutamente não coincida com a de outro, em uma espécie de relativismo. Assim, devemos enriquecer-nos mutuamente, em um diálogo autêntico, em uma procura comunitária da verdade.

Todo o sistema filosófico, portanto, deve ser inserido no contínuo revelar-se da verdade. Nenhum pode ser único e definitivo, pois nenhum esgota a realidade. É preciso ressaltar que quando um sistema se afirma como o único, sem aceitar contribuições, torna-se automaticamente falso. Enfim, cada um tem menor ou maior conteúdo de verdade, cada um tem valor enquanto é uma perspectiva diferente sobre o universo. Dessa forma, podemos concluir que a Filosofia é a busca da verdade e que esta verdade é um dos objetivos permanentes da investigação filosófica, pois a verdade é o que nos desenvolve, o que nos liberta e nos realiza.

O grande problema da verdade está na falta de imparcialidade, pois, na maioria das vezes, a verdade está subordinada aos interesses do poder ou da classe dominante. Estes se consideram os donos da verdade, quem ousa desafiar-los são tidos como radicais, subversivos, entre outros termos. Nesse aspecto, creio que as universidades e as escolas, de uma forma geral, têm um papel muito importante na dissimulação da verdade. Elas devem ser mais atuantes e dinâmicas, mostrando para a sociedade

uma visão mais crítica de tudo o que ocorre e quais as suas conseqüências para o futuro, caso haja uma omissão da mesma.

Ao meu entender, a verdade está encoberta por nuvens ainda bastante escuras, que precisam ser clareadas em benefício da sociedade como um todo e não de pequenos grupos econômicos que destroem, aos poucos, as esperanças de milhões de indivíduos. Não podemos deixar que a verdade fique em poder desses grupos. Dessa forma, surge a necessidade de uma maior democratização da mesma. Todos nós devemos ter uma participação mais intensa na construção de uma sociedade mais justa, harmoniosa, sem tantas desigualdades.

Referências

- BAZARIAN, J. *O problema da verdade*. 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1994.
- BORNHEIM, G. A. *Introdução ao filosofar*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. 7. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1980.
- PILETTI, C. *Filosofia e história da educação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Received on January 07, 2001.

Accepted on January 31, 2001.